

ANNE ENRIGHT

# A estrada verde

TRADUÇÃO  
Débora Landsberg

ALFAGUARA



Copyright © 2015 by Anne Enright

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
The Green Road

*Capa*  
Tereza Bettinardi

*Foto de capa*  
© Martin Parr/ Magnum Photos/ Fotoarena

*Preparação*  
Brena O'Dwyer

*Revisão*  
Renata Lopes Del Nero  
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Enright, Anne  
A estrada verde / Anne Enright ; tradução Débora  
Landsberg. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2017.

Título original: The Green Road.  
ISBN 978-85-5652-043-2

I. Ficção irlandesa I. Título.

---

17-03483

CDD-ir823.9

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

PARTE UM  
Indo embora

# Hanna

*Ardeevin, Condado de Clare*

1980

Mais tarde, depois de Hanna fazer uma torrada com queijo, sua mãe entrou na cozinha e encheu a bolsa de água quente com a chaleira grande que estava ali.

“Você pode dar uma passada no seu tio pra mim?”, pediu ela. “Traz um analgésico.”

“Sério?”

“Minha cabeça está rodopiando”, disse ela. “E pede amoxicilina para o seu tio, quer que eu soletre? Estou sentindo que meu peito vai doer.”

“Está bem”, respondeu Hanna.

“Pelo menos tenta”, ela disse em tom bajulador, levando a bolsa de água quente ao peito. “Tenta.”

A família Madigan morava numa casa com um riachinho no jardim e nome próprio no portão: ARDEEVIN. Mas dava para ir andando até a cidade, atravessando a ponte cheia de protuberâncias rumo à oficina mecânica e ao centro.

Hanna passou pelas duas bombas de gasolina que ficavam de sentinelas no átrio, com as grandes portas abertas, e Pat Doran em algum canto, lendo o Almanaque ou deitado debaixo de um carro. Havia um tambor de gasolina ao lado da placa da Castrol e uma forquilha desfolhada de árvore se projetava para fora; Pat Doran pusera uma calça velha e um par de sapatos nos galhos para dar a impressão de que eram as pernas de um homem se debatendo, num ato de pânico, depois de cair no tambor. Era bem realista. A mãe dissera que ficava perto demais da ponte, que causaria um acidente, mas Hanna

adorava. E gostava de Pat Doran, mesmo que dissessem para evitá-lo. Ele os levava para passear em carros velozes, cruzando a ponte, bam, voltando pelo outro lado.

Havia uma fileira de casinhas na encosta depois do Doran, e cada janela tinha a própria decoração e cortinas personalizadas: um veleiro feito de pedaços de chifres, uma terrina creme com flores artificiais, um gato rosa de plástico e feltro. Hanna admirou cada uma delas, ao passar ali, e apreciava que uma sucedesse a outra sempre na mesma ordem. O médico ficava na esquina da Main Street, e no corredorzinho havia um retrato feito com fios metálicos e pregos. A figura se retorcia e voltava para o lugar, e Hanna amava que ela parecia se mexer mesmo estando parada: parecia bastante científica. Depois vinham as lojas: o armarinho, com a vitrine ampla coberta de celofane amarelo, o açougueiro, com tabuleiros de carne cercados por grama de plástico manchada de sangue, e depois do açougueiro a loja do tio — que antes era a loja do avô —, a Farmácia Considine.

Em uma faixa de plástico presa no alto da vitrine lia-se FILME COLORIDO KODACHROME em uma ponta, FILMES KODAK em letras garrafais no meio e FILME COLORIDO KODACHROME repetido na ponta oposta. O mostruário era feito de uma placa perfurada bege, com pequenas prateleiras que sustentavam caixas de papelão desbotadas pelo sol. PERFEITO PARA CRIANÇAS COM PRISÃO DE VENTRE, dizia um cartaz, em letras vermelhas gordinhas, SENOKOT: A ALTERNATIVA NATURAL PARA A PRISÃO DE VENTRE.

Hanna abriu a porta e o sino tocou. Ergueu os olhos: o espiral metálico estava empoeirado ainda que, várias vezes por hora, o sino se limpasse ao balançar.

“Entra”, disse o tio Bart. “Ou entra ou sai.”

E Hanna entrou. Bart estava sozinho na loja enquanto uma moça de jaleco branco mexia no armário de remédios, onde Hanna nunca teve permissão para entrar. A irmã de Hanna, Constance, trabalhara no balcão, mas, como agora tinha um emprego em Dublin, faltava uma pessoa e havia uma irritação comprobatória no olhar que o tio lançou a ela.

“O que é que ela quer?”, perguntou o tio.

“Uhm. Não lembro”, respondeu Hanna. “Alguma coisa no peito. E um analgésico.”

Bart piscou. Tinha uma daquelas piscadas que acontecem sem alterar o restante do rosto. Era difícil de provar que acontecera.

“Pega uma pastilha.”

“Olha que eu pego mesmo”, disse Hanna. Ela tirou uma latinha de pastilhas da frente da caixa registradora e se sentou na cadeira de espera.

“Analgésico”, ele repetiu.

O tio Bart era bonito como sua mãe, ambos tinham o rosto comprido dos Considine. Durante toda a infância de Hanna, Bart fora solteiro e partira corações, mas agora tinha uma esposa que nunca botava os pés na loja. Ele se orgulhava disso, Constance dissera. Ali estava, pagando vendedoras e assistentes, e a esposa banida do recinto para que não gargalhasse da prisão de ventre do padre. Bart tinha uma esposa perfeitamente inútil. Não tinha filhos, mas belos sapatos de uma gama de cores e uma bolsa combinando para cada um. Pelo jeito como Bart a olhava, Hanna achava que talvez a odiasse, mas sua irmã, Constance, disse que ela tomava pílula, já que eles tinham aceso a isso na farmácia. Disse que faziam aquilo duas vezes por noite.

“Como está todo mundo?” Bart abria uma caixa de remédios e retirava o conteúdo.

“Bem”, ela respondeu.

Ele batucou no balcão, procurando alguma coisa, e perguntou: “Você está com a tesoura, Mary?”

Havia um estande novo no meio da loja, com perfumes, xampus e condicionadores. Outros produtos ficavam nas prateleiras de baixo e Hanna se deu conta de que as examinava quando o tio voltou dos fundos com a tesoura. Mas ele fingiu não reparar: nem piscou.

Ele cortou a cartela de comprimidos ao meio.

“Dá isso pra ela”, ele disse, entregando uma série de quatro comprimidos. “Fala pra ela deixar o peito para outro dia.”

De alguma forma, aquilo era uma piada.

“Vou falar.”

Hanna sabia que deveria ir embora naquele instante, mas estava distraída com as novas prateleiras. Tinham frascos de perfume 4711

e produtos de banho da Imperial Leather em caixas de papelão bege e vinho. Havia uns frascos de Tweed e um bando de outros perfumes que não conhecia. TRAMP, lia-se em um dos frascos, com um corte arrojado na transversal do T. Na prateleira do meio havia xampus que não faziam referência à caspa, mas a raios de sol e ao balanço do cabelo de um lado para o outro — Silvikrin, Sunsilk, Clairol Herbal Essences. Na última prateleira havia gordos pacotes de plástico e Hanna não sabia o que eram, imaginou que fossem ramas de algodão. Pegou o frasco de Cachet by Prince Matchabelli, uma embalagem retangular torcida, e inspirou onde a tampa encostava no vidro frio.

Sentia os olhos do tio pousados nela, e neles algo como pena. Ou alegria.

“Bart”, ela disse. “Você acha que a mamãe está bem?”

“Ah, pelo amor de Deus”, retrucou Bart. “O que é isso?”

A mãe de Hanna tinha ido para a cama. Estava lá fazia quase duas semanas. Não se vestia ou arrumava o cabelo desde o domingo anterior à Páscoa, quando Dan disse a todos que seria padre.

Dan estava no primeiro ano de faculdade em Galway. Deixariam que terminasse o curso, ele disse, mas o faria do seminário. Portanto, em dois anos ele teria o diploma universitário e em sete seria padre, e depois sairia em missões. Estava tudo resolvido. Anunciou isso quando voltou para casa para o feriado de Páscoa e a mãe deles subiu a escada e não desceu mais. Ela disse que o cotovelo doía. Dan disse que tinha pouco o que pôr na mala e então iria embora.

“Vai dar uma volta nas lojas”, disse o pai, para Hanna. Mas não lhe deu dinheiro e não havia nada que ela quisesse comprar. Além disso, tinha medo de que algo acontecesse caso saísse dali, que houvesse gritaria. Dan não estaria lá quando ela voltasse. O nome dele nunca mais seria mencionado.

Mas Dan não saiu de casa, nem mesmo para uma caminhada. Continuou por lá, sentando numa cadeira e depois em outra, evitando a cozinha, aceitando ou rejeitando a oferta de chá. Hanna levava a xícara ao quarto dele com algo para comer escondido no pires: um

sanduíche de presunto ou um pedaço de bolo. Às vezes ele só dava uma mordida na comida e Hanna terminava de comer enquanto levava a louça de volta para a cozinha, e a crosta rançosa do pão fazia com que sentisse ainda mais carinho pelo irmão, em seu confinamento.

Dan estava muito infeliz. Hanna só tinha doze anos e era terrível ver o irmão tão esgotado — toda aquela fé e a luta para encontrar sentido nela. Quando Dan ainda estava na escola, ele a obrigava a ouvir os poemas que lia na aula de inglês, e depois conversavam sobre eles e também sobre várias outras coisas. A mãe disse a mesma coisa mais tarde. Ela disse, “Contava para ele coisas que eu não contava para mais ninguém”. E essa declaração intrigou Hanna, pois havia pouco que a mãe não dissesse. Os filhos nunca eram o que se poderia chamar de “poupados”.

Hanna botava a culpa no papa. Ele visitou a Irlanda pouco depois de Dan ir embora para a faculdade e parecia que ele tinha ido especialmente para isso, já que Galway era onde acontecia a grande Missa da Juventude, no hipódromo de Ballybrit. Hanna foi à missa de Limerick, e foi o mesmo que ficar parada num campo com os pais durante seis horas, mas o irmão Emmet também conseguiu permissão para ir a Galway, embora tivesse só catorze anos e a pessoa precisasse ter no mínimo dezesseis anos para falar na Missa da Juventude. Ele partiu da igreja local de micro-ônibus. O padre levou um banjo e quando Emmet voltou havia aprendido a fumar. Não viu Dan na multidão. Viu duas pessoas transando num saco de dormir, relatou ele, mas foi na véspera, quando estavam todos acampados num campo em algum lugar — não sabia dizer aos pais que lugar era.

“E onde era o campo?”, perguntou o pai deles.

“Não sei”, respondeu Emmet. Não falou nada sobre sexo.

“Era uma escola?”, inquiriu a mãe deles.

“Acho que era”, disse Emmet.

“Era depois de Oranmore?”

Dormiram em barracas, ou fingiram dormir, pois às quatro da manhã todos tinham de arrumar as coisas e atravessar a escuridão total rumo ao hipódromo. Andaram em silêncio, foi como o fim da guerra, disse Emmet, era difícil de explicar — apenas o som dos



pés, a visão de um cigarro iluminando o rosto de alguém antes de ser jogado fora. Andávamos em direção à história, o padre afirmou, e quando o sol nasceu havia homens de braçadeiras amarelas sobre seus paletós mais bonitos, parados debaixo das árvores. Foi isso, pelo que Emmet sabia. Cantaram “By the Rivers of Babylon” e ele voltou sem voz e com as roupas mais sujas que a mãe já tinha visto na vida; teve de colocá-las na máquina duas vezes.

“Era na estrada de Athenry?”, perguntou o pai. “O campo?”

A localização do campo próximo a Galway continuou sendo um mistério na família Madigan, outro era o que teria acontecido com Dan depois de ir para a faculdade. Ele voltou para o Natal e brigou com a avó sobre se proteger, e a avó era totalmente a favor de se proteger, essa era a graça da questão, sua irmã Constance explicou, porque “se proteger” na verdade significava camisinha. Mais tarde, após acenderem a vela do pudim de Natal, Dan passou por Hanna no corredor e a puxou para perto, “Me salva, Hanna. Me salva dessa gente medonha”. Ele a enlaçou com os braços.

No Dia do Ano-Novo um padre foi lá e Hanna o viu sentado na sala de estar com os pais. O cabelo do padre ostentava as marcas do pente, como se ainda estivesse molhado, e o casaco, pendurado sob a escada, era bem preto e macio.

Em seguida, Dan voltou a Galway e nada aconteceu até o feriado da Páscoa, quando falou que queria ser padre. Fez o grande anúncio no jantar de domingo, que os Madigan sempre faziam com toalha de mesa e guardanapos finos, não importando o que acontecesse. Naquele dia, o Domingo de Ramos, serviram bacon e couve com molho branco e cenoura — verde, branco e laranja, como a bandeira da Irlanda. Havia um vidrinho de salsa em cima da toalha de mesa, e a sombra da água tremia ao sol. O pai juntou as mãos grandes e fez uma prece, após a qual fizeram silêncio. Isto é, sem contar o ruído geral de mastigação e do pai pigarreando mais ou menos uma vez por minuto.

“Hm-hm.”

Os pais sentavam nas cabeceiras, os filhos, nas laterais. Meninas de frente para a janela, meninos de frente para a sala: Constance-e-Hanna, Emmet-e-Dan.

Como havia fogo na lareira e de vez em quando o sol também brilhava, viviam o calor do inverno e o calor do verão a cada cinco minutos. Estavam duplamente aquecidos.

Dan disse, “Ando conversando com o padre Fawl de novo”.

Era quase abril. Um dia parado. A luz clara pegava as gotas no vidro da janela em toda a sua multiplicidade enquanto, lá fora, milhares de brotos de folhas se abriam junto aos galhos pretos de chuva.

Dentro da casa, a mãe tinha um lenço preso na palma da mão. Levou-o à testa.

“Ai, não”, ela disse, virando o rosto, a boca aberta de tal modo que dava para ver as cenouras.

“Ele falou que eu preciso pedir a vocês que repensem. Que é muito difícil para quem não tem o apoio da família. Estou tomando uma decisão importante, e ele falou que eu preciso pedir a vocês — preciso implorar a vocês — que não estraguem tudo com seus sentimentos e preocupações.”

Dan falou como se estivessem a sós. Ou como se estivessem num grande salão. Mas era uma refeição em família, o que era diferente de qualquer uma dessas situações. Dava para ver que a mãe teve o ímpeto de se levantar da mesa, mas não se permitiu fugir.

“Ele falou que eu preciso pedir perdão a vocês, pela vida que esperavam que eu tivesse e os netos que não vão ter.”

Emmet bufou em cima do próprio prato. Dan apertou as mãos contra o tampo da mesa antes de bater no irmão mais novo, com rapidez e força. A mãe ficou pasma com o golpe, como um cavalo pulando um fosso, mas Emmet se abaixou e, após um longo segundo, ela pousou do outro lado. Então abaixou a cabeça, como se para tomar impulso. Soltou um gemido, fraco e amorfo. Como o som pareceu agradá-la e também surpreendê-la, tentou outra vez. O gemido começou suave e se alongou, e houve uma espécie de fala em sua derradeira ascensão e queda.

“Ai, Deus”, ela exclamou.

Ela jogou a cabeça para trás e piscou para o teto, uma vez, duas.

“Ai, santo Deus.”

As lágrimas começaram a cair, uma depois da outra, descendo até o cabelo: uma, duas-três, quatro. Passou um tempo assim, enquanto

os filhos assistiam e fingiam não assistir e o marido pigarreava para o silêncio, “Hm-hm”.

A mãe ergueu as mãos e arregaçou as mangas. Enxugou as têmporas molhadas com a almofada das mãos e usou os dedos delicados, tortos, para arrumar o cabelo, sempre preso num coque. Voltou a se sentar e olhou, com muito cuidado, para o nada. Pegou o garfo e o enfiou numa fatia de bacon, levou-a à boca, mas a sensação da carne na língua a desarranjou; o garfo balançou em direção ao prato e o bacon caiu. Os lábios tomaram aquela forma lamurienta — encostados no meio e abertos nos cantos — que Dan chamava de expressão de “sapo de boca larga”, ela tomou fôlego e soltou: “Aggh-aahh. Aggh-aahh”.

Hanna teve a impressão de que a mãe deveria parar de comer ou, se estava com tanta fome assim, deveria pegar o prato e levá-lo para outro cômodo para chorar, mas era óbvio que a ideia não passava pela cabeça da mãe, e ela ficou lá sentada, comendo e chorando ao mesmo tempo.

Muito choro, pouca comida. Mexeu mais ainda no lenço, que a essa altura estava aos pedaços. Foi horrível. A dor foi horrível. A mãe se sacudindo e cuspidando, com as cenouras caindo da boca em nacos e bolotas.

Constance, a mais velha, deu ordens silenciosas a todos e eles levaram os pratos e copos passando pela mãe, que pingava, de uma forma ou de outra, na própria comida.

“Ô, mamãe”, disse Constance, se aproximando, com o braço em torno dela para lhe tirar o prato com destreza.

Como Dan era o menino mais velho, sua função era cortar a torta de maçã, e ele se levantou para fazer isso, escurecido na contraluz da janela, com o triângulo prateado da faca de bolo na mão.

“Eu não vou querer”, disse o pai, que estava brincando, de modo quase imperceptível, com a asa da xícara. Ele se levantou e saiu da sala e Dan disse, “Então são cinco. Como é que eu vou cortar cinco?”.

Havia seis Madigan. Cinco era um número inédito, pensou enquanto ensaiava fazer uma cruz com a faca de bolo para depois acrescentar mais dezoito graus ao tamanho da fatia. Era uma abertura forçada das relações entre eles. Era uma história completamente

diferente. Como se pudesse haver qualquer número de membros na família Madigan e, mundo afora, qualquer número de tortas de maçã.

O choro da mãe se transformou em inalações engraçadas e vacilantes de “fuhh fuuhh fuhh” à medida que cavoucava a sobremesa com a colherzinha e os filhos, também, eram reconfortados pela massa e pela doçura lenhosa das maçãs velhas. Ainda assim, não havia sorvete à vontade naquele domingo, e nenhum deles pediu, embora todos soubessem que tinha um pouco; estava espremido no congelador, no alto, no canto direito da geladeira.

Depois disso, a mãe foi para a cama e Constance teve de ficar em casa em vez de pegar o ônibus de volta a Dublin, e estava furiosa com Dan: fez duras críticas por ter de lavar a louça enquanto ele subia para o quarto e lia seus livros e a mãe ficava deitada com a porta fechada, e na segunda-feira o pai foi a Boolavaun e voltou para casa no fim da tarde, e estava tão bêbado que não emitia nenhuma opinião que desse para entender.

Não era a primeira vez que a mãe adotava a solução horizontal, conforme Dan a chamava, mas era a mais longa de que Hanna se lembrava. A cama rangia de vez em quando. A descarga do vaso era ativada e a porta do quarto tornava a se fechar. Saíram cedo da escola na Quarta-Feira Santa e ela continuava com a porta do quarto fechada. Hanna e Emmet perambularam furtivamente pela casa, tão ampla e silenciosa sem ela. Tudo parecia estranho e desconexo: a curva do corrimão no patamar da escada, o escritório pequeno sem lâmpada, o vinco de umidade no papel de parede da sala de jantar inchando ao longo do bambuzal.

Então Constance apareceu e lhes deu pancadas, e ficou claro — tarde demais — que foram barulhentos e sem consideração quando pretendiam ser alegres e divertidos. Uma xícara caiu no chão, uma poça de chá frio se espalhou em direção ao livro da biblioteca que estava sobre a mesa da cozinha, um cinto branco, de couro envernizado, revelou ser de plástico quando Emmet pôs uma rédea em Hanna e a cavalgou rumo à porta da frente. Depois de cada desastre as crianças se dispersavam e agiam como se nada tivesse acontecido. E nada acontecia. Ela dormia lá em cima, ela estava morta. O silêncio se tornou mais insistente e cadavérico, se tornou totalmente trágico,

até que a maçaneta da porta bateu na parede e a mãe irrompeu do quarto. Desceu a escada voando neles, o cabelo desarrumado, as sombras dos seios se mexendo sob o algodão da camisola, a boca aberta, a mão levantada.

Poderia quebrar outra xícara, ou derrubar a chaleira inteira, ou arremessar o cinto partido no canteiro de flores pela porta aberta.

“Pronto”, ela disse.

“Gostaram?”

“Vou dar o troco em vocês”, ela declarou.

“Está bom pra vocês?”

Ela passava um tempo olhando fixo, como se ponderasse quem eram aquelas crianças desconhecidas. Depois dessas breves confusões, dava meia-volta e subia para a cama pisando forte. Dez minutos depois, ou vinte minutos, ou meia hora, a porta se abria com um rangido e ouvia-se sua voz fraca chamando, “Constance?”.

Havia um toque de humor nessas cenas. Dan fazia cara de repulsa ao retomar o livro, Constance às vezes fazia chá e Emmet tomava alguma atitude muito nobre e pura — uma única flor colhida do jardim, um beijo a sério. Hanna não sabia o que fazer além de talvez entrar no quarto e ser amada.

“Meu bebê. Como está a minha filhota?”

Muito depois, quando toda a situação foi esquecida, a TV já estava ligada e a torrada com queijo preparada para a hora do chá, o pai voltou do sítio em Boolavaun. Ele subiu a escada, um degrau de cada vez, bateu na porta duas vezes e entrou no quarto.

“Então?”, ele disse antes de a porta se fechar sobre a conversa dos dois.

Transcorrido bastante tempo, ele voltou à cozinha para pedir chá. Tirou um cochilo silencioso por mais ou menos uma hora e acordou quando começava o noticiário das nove horas. Depois desligou a televisão e disse, “Quem foi que rasgou o cinto da mamãe? Pode ir abrindo a boca”, e Emmet disse, “A culpa foi minha, papai”.

Ele se levantou de cabeça baixa e os braços junto ao corpo. Emmet tirava as pessoas do sério por ser bom.

O pai puxou a régua de baixo do aparelho de TV e Emmet levantou a mão, e o pai segurou a ponta dos dedos até o último mi-

lissegundo enquanto desferia o golpe. Depois se virou e suspirou ao guardar a régua no lugar de sempre.

“Vá pra cama”, ordenou.

Emmet saiu de bochechas em chamas e Hanna ganhou seu afago de barba de boa-noite — uma roçada no restolho da bochecha do pai quando ele se esquivava, de brincadeira, do beijo da filha. O pai cheirava a um dia de trabalho: ar fresco, diesel, feno, com vestígio de gado em algum canto, e além disso, de novo, a lembrança do leite. Ele jantava em Boolavaun, onde a mãe ainda morava.

“Sua avó mandou boa-noite”, ele dizia, o que também era uma espécie de piada para ele. E inclinava a cabeça.

“Você vai sair comigo amanhã? Você vai, sim.”

No dia seguinte, Quinta-Feira Santa, o pai levou Hanna para passear no Cortina laranja, cuja porta soltava um baita estalo ao ser aberta. Percorridos alguns quilômetros, ele começou a cantarolar e dava para sentir o céu embranquecendo à medida que se aproximavam do mar.

Hanna adorava a casinha de Boolavaun: quatro quartos, a varanda cheia de gerânios, a montanha ao fundo e, na frente, o céu carregado de nuvens. Ao cruzar o extenso prado, chegava-se a uma ruela que dava numa ladeirinha com vista para as ilhas de Aran, próximas à baía de Galway, e as falésias de Moher, também famosas, bem distantes, ao sul. Essa ruela virava uma estrada verde que atravessava Burren, bem acima da praia de Fanore, e era a estrada mais linda do mundo, ímpar, a avó dizia — *celebrada em canções e histórias* —, as rochas se aglomerando brevemente em muros antes de voltar a cair no campo, os pequenos pastos pedregosos cujas flores eram encantadoras e raras.

E caso se desviasse o olhar das dificuldades do caminho, ele sempre ficava diferente, as ilhas dormindo na baía, as nuvens movendo suas sombras pela água, o Atlântico irrompendo dos despenhadeiros longínquos numa coluna silenciosa de borrifos, em transe.

Bem lá embaixo havia as planícies calcárias a que davam o nome de costa Flaggy: rochas cinza sob o céu cinza, e havia certos dias em que o mar emitia um brilho da mesma cor e os olhos não sabiam se era crepúsculo ou aurora, os olhos estavam sempre se adaptando. Era

como se as rochas captassem a luz e a escondessem. E Boolavaun era isso: um lugar que se fazia difícil de ver.

E Hanna adorava a vovó Madigan, uma mulher que parecia ter muito a dizer, e não dizia nada.

Mas era um longo dia de passeio quando a chuva caiu: a avó sempre indo de canto em canto, limpando coisas, esfregando-as, e boa parte era comoção inútil; alimentava gatos que não vinham quando os chamava, ou perdia algum objeto que tinha acabado de soltar. Não havia muito do que falar.

“Como vai a escola?”

“Bem.”

E não havia muito em que Hanna tivesse permissão para tocar. Um aparador na sala boa guardava uma seleção de louças. Outras superfícies eram ocupadas por gerânios em várias fases de floração e morte: havia uma prateleira inteira de flores mutiladas na soleira dos fundos, os caules truncados bulbosos até as pontas. As paredes eram lisas, à exceção de um retrato dos lagos de Killarney na sala boa e um crucifixo simples e preto acima da cama da avó. Não havia Sagrado Coração, ou água benta, ou uma imagem da Virgem. A avó Madigan ia à missa com uma vizinha, se sequer fosse à missa, e pedalava oito quilômetros independente do clima para chegar à loja mais próxima. Se ficasse doente — e nunca ficava doente —, estaria em apuros, pois nunca tinha pisado na Farmácia Considine.

Nunca tinha pisado e jamais pisaria.

As razões para isso eram de certo interesse para Hanna, visto que, assim que o pai saía com o gado, a avó a puxava de lado — como se multidões as observassem — e botava uma nota de libra esterlina em sua mão.

“Vai lá no seu tio pra mim”, ela dizia. “E pede mais um pouco daquele último creme.”

O creme era para alguma coisa de senhora e horrível.

“O que eu digo?”, perguntou Hanna.

“Ah, não precisa, não precisa”, respondeu a avó. “Ele sabe.”

Antes Constance era a encarregada disso, sem dúvida, e agora era a vez de Hanna.

“Tá bem”, disse Hanna.

A nota de libra esterlina que a avó enfiara em sua mão foi de novo dobrada ao meio e enrolada. Como Hanna não sabia onde guardá-la, enfiou-a na meia para não perdê-la, deslizando-a até o osso do tornozelo. De uma janela viu a luz forte do mar e da outra, a estrada rumo à cidade.

Não se davam bem, os Considine e os Madigan.

Quando o pai de Hanna apareceu pedindo uma xícara de chá, ocupou todo o umbral da porta, precisando se abaixar, e Hanna desejou que a avó pudesse pedir ao próprio filho que buscasse o creme, qualquer que fosse, embora imaginasse que tinha algo a ver com o sangue claro que viu na cadeira sanitária da avó, uma cadeira com um buraco cortado e um penico encaixado embaixo.

A casa de Boolavaun tinha quatro quartos. Hanna entrou em cada um deles e prestou atenção aos diferentes sons da chuva. Parou no quarto dos fundos que o pai dividira com os dois irmãos mais novos, que agora estavam na América. Olhou as três camas onde costumavam dormir.

Na cozinha, o pai estava sentado diante do chá e a avó lia o jornal que todos os dias ele lhe trazia da cidade. Bertie, o gato da casa, se espremia contra os pés velhos da avó, e o rádio não pegava nenhuma estação. No fogão, um bule grande de água chegava, numa vagarosidade épica, à ebulição.

Depois da chuva, saíram para procurar ovos. A avó carregava uma tigela branca esmaltada cuja borda fina azul estava lascada, aqui e ali, adquirindo um tom preto. Avançava com agachamentos rápidos do galinheiro para a sebe que separava o cercado da horta. Arrastou-se junto aos arbustos, olhando entre os galhos.

“A-há”, ela exclamou. “Te peguei.”

Hanna rastejou junto aos pés com joanetes da avó para recolher o ovo botado sob a sebe. O ovo era marrom e estava riscado pelos detritos da galinha. A avó o pegou para admirar antes de colocá-lo no prato vazio, onde ele rolou com um som oco, perigoso.

“Abaixa aí pra mim”, ela pediu a Hanna, “e confere os buracos da muralha.”

Hanna se abaixou sem demora. As muralhas, que se espalhavam por todos os cantos do terreno, eram proibidas para ela e Emmet